

SOCIABILIDADES NO MERCADO DE PEIXE DO VER-O-PESO: DAS PRÁTICAS COTIDIANAS À FESTA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ

artigo

Lícia Tatiana Azevedo do Nascimento
Carmem Izabel Rodrigues

RESUMO

Este artigo é uma síntese da dissertação sobre alguns aspectos das práticas realizadas pelos peixeiros, balanceiros e geleiros, do Ver-o-Peso através das sociabilidades por eles exercidas. O Ver-o-Peso, o mais antigo espaço comercial da cidade de Belém, se apresenta cotidianamente como um lugar de expressiva atividade de trabalho, porém, eventualmente, é também um espaço de lazer para os que nele diariamente trabalham. A partir da Festa que é realizada durante o Círio de Nazaré em Belém, como forma de render honrarias a Santa, Nossa Senhora de Nazaré, será interpretado à luz de uma abordagem antropológica, o lado lúdico existente no Ver-o-Peso.

PALAVRAS-CHAVE

Sociabilidades. Mercado Ver-o-Peso. Festa. Círio de Nazaré.

ABSTRACT

This paper is a synthesis of the dissertation about some aspects of the practices carried out by fishmongers, rockers and glaciers from *Ver-o-Peso* through the sociability they perform. The *Ver-o-Peso*, the oldest commercial area of the city of Belém, is daily presented as a place for expressive activity of work, but eventually it is also a place of entertainment for those who work daily on it. From the festival, that takes place during the *Círio de Nazaré* in Belem, in order to render honors to the Saint, Our Lady of Nazareth, will be interpreted in the prism of an anthropological approach, the existed playful side in Ver-o-Peso.

KEYWORDS

Sociabilities. Mercado Ver-o-Peso. Feast. Círio de Nazaré.

1 Introdução

Este trabalho é uma síntese da dissertação de mestrado que teve como objeto de pesquisa a Festa que é realizada em honra de Nossa Senhora de Nazaré pelas categorias (peixeiros, balanceiros e geleiros) que trabalham com o pescado no Ver-o-Peso. A Festa acontece, anualmente, dentro do Mercado de Ferro, uma das construções que mais se destacam no Ver-o-Peso, e que é conhecido popularmente como Mercado de Peixe.

O Ver-o-Peso é um centro comercial localizado em uma das áreas mais antigas da cidade de Belém, é considerado cartão-postal da cidade e é também uma das mais famosas feiras do Brasil. Mas é, principalmente, um lugar que possui uma intensa vida social devido às suas atividades comerciais através das quais são percebidas práticas cotidianas de trabalho e pelas quais são construídas suas redes de relações.

A aproximação com o Ver-o-Peso, enquanto um lugar a ser pesquisado, aconteceu após o conhecimento da existência da Festa, quando então decidimos relacionar, em um mesmo estudo, aqueles que consideramos os dois maiores ícones da cultura paraense: o Ver-o-Peso e o Círio de Nazaré.

O Círio de Nazaré, assim como o Ver-o-Peso, é um forte símbolo da cultura paraense. Segundo a tradição, foi nos anos de 1700 que um caboclo agricultor chamado Plácido José de Sousa encontrou, às margens do igarapé Murutucu (onde hoje se encontra localizada a Basílica de Nazaré), a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, que se tornou a padroeira do povo paraense, dan-

do início àquela que é hoje uma das maiores devoções religiosas no Brasil.

O Círio é o acontecimento de maior destaque da cidade de Belém, pois as pessoas, de uma forma ou de outra, participam deste evento. Mesmo os paraenses que vivem fora de Belém procuram estar presentes na cidade para participar, ao menos, das duas principais procissões – a Trasladação e o Círio – que acontecem no sábado e domingo, respectivamente, do segundo fim de semana do mês de outubro, procissões estas que dão início aos quinze dias em que é festejado o Círio de Nazaré.

De acordo com Maués (1999), a devoção por Nossa Senhora de Nazaré iniciou em um município do Estado do Pará, conhecido como Vigia, quando este ainda era uma vila. O culto à santa teria se desenvolvido na segunda metade do século XVII.

Para esta pesquisa vale destacar, ainda, que a Festa¹ do Mercado de Ferro (e as homenagens com os fogos), apesar de acontecer em razão do Círio, pois originou-se de uma promessa feita por um balanceiro à Virgem de Nazaré, não faz parte do calendário oficial do Círio, mas é realizada no domingo pela manhã, após a passagem da berlinda que leva a Santa, durante a procissão do Círio, em frente ao Mercado.

A queima de fogos de artifício é a outra forma pela qual aqueles trabalhadores homenageiam a Santa. Tal homenagem acontece em dois momentos específicos: no sábado à noite, na procissão da Trasladação, quando a Santa em sua berlinda passa em frente ao Mercado, em direção à Catedral da Sé; e no domingo pela manhã, novamente em procissão, quando a Santa retorna à área de sua Basílica.

1. Denominaremos apenas de “Festa”, aquela que é realizada dentro do Mercado de Ferro, por peixeiros, balanceiros e geleiros, e de Festividade do Círio, aos quinze dias, do mês de outubro, de comemorações em culto à Santa.

O interesse em fazer uma análise mais consistente desta Festa que é realizada no Mercado de Ferro do Ver-o-Peso, está de acordo com a perspectiva de entender o mercado em um plano mais amplo, o das trocas, indo além de seu caráter mais econômico, porém não deixando de lado esse aspecto, pois “o mercado é um fenômeno urbano que [...] não é estranho a nenhuma sociedade conhecida” (MAUSS, 1974[1926], p. 42) o que existe é diferença na sua realização.

De acordo com Weber (1987) uma das características para uma localidade ser considerada uma cidade é a “existência de um intercambio regular e não ocasional de mercadorias da localidade, como elemento essencial da atividade lucrativa e do abastecimento de seus habitantes, portanto de um mercado” (WEBER, 1987, p. 69). Para exemplo de tal característica é possível pensar na existência do Ver-o-Peso, que se confunde com a da própria cidade de Belém, pois o Ver-o-Peso, quando iniciou como uma mesa fiscal (CRUZ, 1952), era o lugar no qual chegavam muitos dos produtos consumidos pela população. Ainda hoje, mesmo com a concorrência dos supermercados, ele continua como um centro abastecedor da cidade.

Mauss (1974) afirma ainda que as trocas sempre foram algo mais que uma simples troca de bens economicamente úteis, pois, para além dos motivos econômicos, existem os políticos, os sociais e os sentimentais “em que o mercado é apenas um dos momentos e onde a circulação de riquezas constitui apenas um termo de um contrato muito mais geral e muito mais permanente”(MAUSS, 1974[1926], p.45). Como foi percebido ain-

da na pesquisa exploratória, para a realização da Festa existem elementos de cunho econômico, político, social e religioso.

Também se buscou entender a festa como expressão de cidadania a partir das práticas e sociabilidades exercidas pelas categorias de trabalhadores responsáveis pela organização e realização da Festa, seguindo para isso as afirmações de Amaral, de que

[...] a festa é capaz de se mostrar como apreensão do sentido da cidadania, por meio do aprendizado da história do país ou de grupos particulares, proporcionando um despertar da consciência dos direitos e deveres, do relacionamento com a burocracia de Estado e do sentimento de brasilidade em suas múltiplas facetas [...] (AMARAL, 1998, p.11).

Por esse trabalho ser uma pesquisa antropológica, realizada a partir de uma manifestação popular, expressa por um grupo de trabalhadores de um mercado localizado no centro urbano, neste caso, da cidade de Belém, Estado do Pará, é necessário considerar, conforme Magnani (2000), que a pesquisa antropológica, quando realizada em espaço urbano, necessita de uma delimitação do cenário², identificação dos atores, delimitação das unidades significativas para observação e análise, destacadas da realidade tal como é percebida pelo senso comum. Trata-se de descontinuidades do urbano produzidas “por diferentes formas de uso do espaço e apropriação do espaço” (MAGNANI, 2000, p. 38), os quais devem ser analisados, pois

[...] ruas, praças, edificações, viadutos, esquinas e outros equipamentos estão lá, com seus usos e sentidos habituais. De repente, tor-

2. Entendido por Magnani como “produto de práticas sociais anteriores e em constante diálogo com as atuais – favorecendo-as, dificultando-as e sendo continuamente transformados por elas (MAGNANI, 2000, p. 37), e não um palco ou elemento físico.

nam-se outra coisa: a rua vira trajeto devoto em dia de procissão; a praça transforma-se em um local de compra e venda; o viaduto é usado como local de passeio a pé; a esquina recebe despachos e ebós, e assim por diante (MAGNANI, 2000, p.39).

Entende-se, portanto, que as práticas sociais são responsáveis pelos significados ou ressignificações dos espaços, como o do Mercado de Ferro do Ver-o-Peso, que em determinados momentos passa de espaço de trabalho (comercialização do pescado) para espaço de lazer (a Festa realizada no dia do Círio) e, ainda, de manifestações religiosas (a Via-Sacra, realizada em 2008), que foi acompanhada durante a pesquisa de campo, pois “às vezes, o espaço de trabalho é apropriado pelo lazer [...] a devoção termina em festa” (MAGNANI, 2000, p.39).

De acordo com Amaral (2000) “a vida nas cidades ocidentais, marcadas pela cultura judaico-cristã, é vista, simbolicamente, como o afastamento de Deus e do paraíso” (AMARAL, 2000, p. 256), mas no caso do Brasil, é diferente, pois a cidade, “mostrou-se profundamente religiosa, festeira e criativa em termos de alternativas de convivência com a tendência homogeneizante da cidade” (AMARAL, 2000, p. 256).

A cidade proporciona, assim, diversos sentidos à festa, pois ela é

[...] ritual, divertimento e ação política ao mesmo tempo. Ela reaviva as velhas tradições, reforça laços de origem, mas também incorpora novos elementos e anseios [...] é o momento em que a identidade do grupo se expressa plenamente (AMARAL, 2000, p. 260).

Vale ressaltar que no Brasil as festas populares para santos, com suas irmandades religiosas, arraiais, bailes, esmolações com

imagens de santos e as folias, foram também expressões do catolicismo popular condenadas pelos bispos, no século XIX, durante o processo de reforma da Igreja Católica conhecido como “romanização”, “uma espécie de ‘europeização’ do catolicismo brasileiro tradicional e popular que se havia gestado ao longo dos séculos de colonização e de independência” (MAUÉS, 1999, p.25), como um modo de disciplinar a religião do povo.

E em se tratando de Amazônia, deve ser levado em consideração que o catolicismo do povo amazônico se manifesta, principalmente, no culto do santo, ou mais precisamente de sua imagem local, possuidora de caráter divino com poderes de ação imediata e não simplesmente, intermediária de uma força superior (GALVÃO, 1953).

Em Belém, as festas em homenagem aos santos do catolicismo popular estão presentes através das procissões realizadas durante todo o ano, mas têm maior destaque no segundo período do ano, quando acontecem, por exemplo, as festividades de São Benedito, no Jurunas, e um amplo calendário de festas em homenagem à santa padroeira da cidade, Nossa Senhora de Nazaré.

De acordo com Velho e Machado (1977), [...] a cidade expressa um tipo de organização sócio-espacial, característico de um sistema social abrangente, que pode variar em suas configurações [...] Faz parte da própria estrutura de funcionamento da metrópole a diversidade de atividades (VELHO & MACHADO, 1977, p.81).

Isso significa dizer que na cidade, mesmo as pessoas exercendo vários papéis dentro da sociedade, não existe o desaparecimento das relações ditas com sendo do mundo rural, como no caso do compadrio, parentesco. As pessoas necessitam, por exemplo, ca-

da vez mais da ajuda de parentes na busca por emprego. É o caso de muitos dos trabalhadores do Ver-o-Peso que chegaram para trabalhar naquele lugar por intermédio de parentes mais velhos e amigos, verificando-se assim a importância das relações de parentesco na vida daqueles trabalhadores, e ainda hoje é uma prática que acontece entre os que trabalham no local.

2 O Ver-o-Peso

O Ver-o-Peso está atualmente sob jurisdição da Prefeitura Municipal de Belém, através da Secretaria Municipal de Economia – SECON, da qual recebeu a denominação de Complexo do Ver-o-Peso, como forma de identificar seus 21 setores de venda, dentre os quais estão inseridos dois mercados, o Municipal ou de Carne e o de Ferro ou de Peixe, feiras e a doca de embarcações, mais conhecida como “pedra”.

Além da administração da Prefeitura, existe um grupo, denominado Condomínio Participativo. Formado por representantes de cada um dos setores, o Condomínio serve, principalmente, como representante dos trabalhadores junto à Prefeitura, para que sejam feitas as reivindicações de melhoria e manutenção daquele espaço de trabalho.

Trata-se de um instância instituída pelo próprio poder municipal, por meio do Decreto nº 39.326/2001 – PMB. Segundo este decreto a gestão do Complexo se dará de forma compartilhada por município e trabalhadores do Ver-o-Peso. Representando o município e coordenados pela SECON estariam representantes de várias instituições municipais com ação no complexo, cujos representantes, segundo o regulamento, ficariam deslocados para exercer suas atividades permanentes no próprio Ver-o-Peso (LIMA, 2008, p. 139).

O Ver-o-Peso não pode ser considerado como sendo uma simples feira ou mercado, pois seus produtos (frutas, peixes, artesanato, ervas) circulam em várias localidades do Pará e do Brasil, chegando mesmo a serem exportados para vários países do mundo. Sua organização espacial, quando observada mais atentamente, mostra que cada setor é uma feira à parte com seus produtos cuidadosamente distribuídos de forma que sejam comprados aqueles que são complementares ao primeiro, como, por exemplo, após comprar o peixe que é vendido dentro do Mercado de Ferro, saindo pelo portão de direção oposta a “pedra” são vendidos os temperos: cheiro-verde, limão, pimenta, geralmente, utilizados na preparação de tal alimento.

A rotina diária do Ver-o-Peso inicia bem cedo, ainda de madrugada, não havendo um horário preciso. Geralmente começa por volta das duas ou quatro horas da madrugada, podendo esse horário variar, por exemplo, em datas especiais do calendário, como é o caso da Semana Santa, em que o comércio do peixe chega a iniciar à uma hora da manhã.

Isso porque a dinâmica começa com o descarregamento, principalmente, de frutas, peixe e camarões, no seu cais, conhecido como a “pedra”, e que são oriundos das Ilhas próximas da cidade de Belém, ou mesmo de outros municípios do Estado do Pará. Além do descarregamento feito no cais do Ver-o-Peso, caminhões vindos da CEA-SA – Central de Abastecimento do Pará –, também chegam trazendo legumes e frutas, que são descarregados e levados para os vários setores da feira.

Por volta das sete horas os primeiros fregueses já se encontram caminhando pelos vários setores do Ver-o-Peso, buscando produtos para o consumo diário, cumprin-

do assim um dever familiar (MAYOL et al, 2008). Ao longo do dia os setores tem seu fluxo de pessoas cada vez mais intenso.

Para muitos dos que trabalham no Ver-o-Peso, esse é um espaço não só de trabalho, mas é também um espaço familiar.

A referência ao Ver-o-Peso como 'a minha casa' ou 'a segunda casa'[...] deve-se, sobretudo ao tempo de permanência do trabalhador no seu local de trabalho: de segunda a segunda, da madrugada até o anoitecer, mas também a relação estabelecida com sua barraca, com suas coisas e objetos de uso cotidiano. Da mesma forma são freqüentes as comparações das relações entre os feirantes e demais trabalhadores da feira com uma família, sobretudo dentro de cada setor (LIMA, 2008, p.170).

Talvez por ser considerado esse espaço tão familiar que as atividades exercidas pelos seus trabalhadores sejam consideradas como "atividade[s] familiar[es] tradiciona[is], cujo saber, assim com a barraca da feira [os boxes de Mercado de Ferro], a experiência e os saberes vão sendo transmitidos de geração em geração"(LIMA, 2008, p.160).

Delimitamos a pesquisa em duas áreas de trabalho do Ver-o-Peso, a "Pedra" e o "Mercado de Ferro", pois são os setores nos quais trabalham as categorias de trabalhadores envolvidas diretamente na Festa.

A "Pedra" é o local onde, nas primeiras horas do dia, são desembarcados os pescados que são comercializados entre balanceiros, geleiros, peixeiros e representantes de comércios da cidade. Trata-se de uma calçada entre o rio e o Mercado de Ferro que vai até em frente à Praça do Relógio³.

O espaço da "Pedra" é disputado pelos barcos que chegam no dia anterior para garantir um bom lugar e, conseqüentemente, conseguir uma melhor comercialização dos seus produtos.

Encontramos na "pedra" várias categorias de trabalhadores como, por exemplo, os balanceiros que ali estão para mediar o comércio da produção de pescado, entre pescadores e peixeiros (do Mercado de Ferro ou de outras feiras) ou comerciantes (de restaurantes e supermercados) da área metropolitana de Belém, mas também existem aquelas pessoas que vão até lá para vender alimentos (mingau, sopa, café), caixas de papelão, pneus, CDs e DVDs "piratas", estabelecendo assim relações de trabalho e de amizade, ao exercerem estas "atividades acessórias" (CORRÊA, 2009).

Mas para a pesquisa que desenvolvemos foi dada atenção aos trabalhadores – os balanceiros e os geleiros – da "pedra", envolvidos diretamente nas homenagens que são realizadas na área do Mercado de Ferro à Senhora de Nazaré e com a comercialização do pescado.

Os "geleiros" são donos ou encarregados das embarcações oriundas de vários lugares do Estado do Pará, não apenas de Belém, mas de outras cidades como Abaetetuba, Vigia e Soure. Há também embarcações vindas de Manaus (AM), que trazem o pescado até o cais do Ver-o-Peso. Na tripulação desses barcos, além do encarregado, há o "*gelador*" – pescador que se diferenciava dos demais, pois tem a técnica de acondicionar os pescados nas urnas⁴ para garantir sua boa conservação e qualidade até a

3. "Deve a sua denominação a um monumental relógio, levantado no local onde foi iniciada a construção do edifício da Bolsa. Fica nas proximidades da doca do Ver-o-Peso" (CRUZ, 1992, p.111).

4. Compartimento interno da embarcação, uma espécie de porão, revestido de poliuretano ou isopor; onde o pescado é conservado com muito gelo.

chegada da viagem – é ele quem tira o peixe da urna e joga para o convés da embarcação, onde outros pescadores vão enchendo as basquetas que são transportadas através de uma tábua usada como rampa para o escoamento do pescado desde o barco até a “Pedra”, onde se segue a comercialização por intermédio de um balanceiro.

O “balanceiro” é um dos principais atores sociais da “Pedra”, pois ele consegue desempenhar vários papéis em suas relações com os demais trabalhadores daquele lugar. É ele quem contrata o “virador”, o mesmo responsável por buscar a balança no Mercado de Ferro, onde fica guardada, e por montá-la posicionando-a em frente à embarcação da qual sairá o pescado.

Além de contratar o virador, o balanceiro é quem pesa a produção para o dono da embarcação, algumas vezes indica compradores, tendo como lucro por este serviço de quatro a seis por cento do total da venda. Não raras são as vezes em que ele recebe o dinheiro adiantado para comprar o pescado para alguém a quem ele se compromete entregar a aquisição, intensificando suas relações para além da econômica, ou seja, consolidando uma relação de compromisso, credibilidade e amizade.

Também pode ser considerado como um aviador⁵ do pescador, pois geralmente é a ele que o pescador – que pode ser ou não o dono da embarcação – pede ajuda financeira, para comprar materiais de pesca ou ainda quando precisa de assistência para a

sua família, enquanto está ausente durante a viagem. O compromisso do pescador será de pagar a ajuda dando a preferência da comercialização da produção para aquele balanceiro que é seu aviador.

Assim, os vínculos mantidos entre os pescadores e balanceiros do Ver-o-Peso possuem a mesma característica – a fidelidade – dos percebidos por Sousa (2000) entre pescadores e marreiros, no estudo realizado no município de Viseu, em uma vila de pescadores:

[...] os vínculos mantidos entre pescadores e marreiros, também tomam esse caráter de fidelidade, visto que são baseados na consideração e nos compromissos morais. Os pescadores que estão ligados aos marreiros da praia têm o compromisso de vender a sua produção àquele determinado marreiro que lhe aviou a despesa (SOUSA, 2000, p.102).

Nos casos da assistência à família, esta pode ser financeira ou ainda um auxílio como, por exemplo, para levar um dos familiares do pescador ao hospital, conforme declaração de Bio⁶: “Eu mesmo, uma vez tive que cuidar do filho de um pescador que tava doente, a mulher dele mandou o filho pelo barco, eu vim, peguei o menino, consegui consulta, comprei remédio, quando ele ficou bom mandei de volta pra casa” (março/2007).

A relação de credibilidade também acontece entre os balanceiros e os peixeiros do Mercado de Ferro. O segundo é avisado previa-

5. Neste caso, aquele que proporciona a compra do material para pesca (redes, combustível para o barco, alimentos que serão consumidos durante a viagem e também os alimentos que serão consumidos pela família do pescador).

6. Bio, é como é conhecido o Sr. Rivair Negrão, balanceiro para quem fui apresentada na minha primeira ida a campo, e que naquela ocasião era o presidente da Associação dos Balanceiros do Ver-o-Peso, foi ele quem me apresentou os primeiros peixeiros (Rangel, Fernando e Antônio) do Mercado de Ferro com quem tive contato.

mente pelo primeiro da chegada do barco contendo determinada espécie de peixe ou camarão, na qual ele tem interesse. Desta forma ele tem a preferência de compra daquela produção durante a comercialização, na “Pedra”.

Poucos, “entre dois a cinco” peixeiros que trabalham no Mercado de Ferro conseguem pagar antecipadamente pela produção, que serve como um capital para que o balanceiro não só disponibilize as despesas das viagens dos pescadores, mas também pague a tripulação e retire o seu próprio pagamento.

O Mercado de Ferro, conhecido também como Mercado de Peixe – e que será assim denominado a partir deste ponto – é a construção de maior destaque do Ver-o-Peso. Foi construído por Antônio Lemos e inaugurado em 1º de dezembro de 1901, em um domingo. Essa obra foi autorizada através da Lei Municipal nº 173 de 30 de dezembro de 1897, sendo a empresa “La Rocque, Pinto & Cia” a vencedora da concorrência pública (ROCQUE, 2001).

Trata-se de um mercado que possui quatro portas de acesso e em seu interior existem 69 boxes, sendo que 09 são utilizados para venda de camarões frescos e 60 para venda de peixes. Acima dos boxes de camarões localizados no centro do Mercado existe uma pequena área com uma mesa e cadeiras onde fica “o pessoal da administração”, que são os fiscais da SECON.

É também nesta área que se encontra “[o] altar dedicado à Santa, dentro do Mercado de Ferro, referência obrigatória” (FREITAS, 2006, p.28) da tradição do Círio de Nazaré, sendo que na sua parte superior fica uma das duas imagens de Nossa Senhora de Nazaré que foi doada pela Prefeitura de Be-

lém, enquanto a outra imagem fica na parte térrea, de frente para porta do Mercado que dá acesso à Boulevard Castilhos França, por onde passa a procissão do Círio.

Assim como o Ver-o-Peso e, por fazer parte deste, o Mercado de Peixe está formalmente sob jurisdição da SECON, mas para sua organização diária existe um grupo, formado por oito peixeiros, divididos em quatro duplas, sendo que cada dupla é responsável pela manutenção diária (limpeza, segurança) de cada um dos quatro corredores de boxes do Mercado e pelas reivindicações daquela categoria de trabalhadores, além de organizar as homenagens e a Festa em honra a Nossa Senhora de Nazaré que acontece durante o Círio de Nazaré, em Belém.

Geralmente a jornada de trabalho de um peixeiro começa ainda de madrugada, quando ele precisa “tirar o peixe” na “pedra”, junto aos balanceiros. Seu horário de chegada depende de vários motivos: a hora em que os balanceiros iniciam a comercialização é algo que varia muito, não havendo um horário rígido; além disso, há a dependência do meio de transporte que é utilizado para chegar ao Ver-o-Peso, que pode ser uma Van, uma Kombi (transportes alternativos legalizados ou clandestinos) ou um táxi, motivo de reclamação de muitos deles, pois consideram ser uma despesa a mais, principalmente para os que moram em bairros mais afastados do centro da cidade ou em municípios que fazem parte da área metropolitana de Belém.

Esse é o caso do “seu” Dedé⁷ morador do município de Ananindeua, que gasta pelo menos meia hora todos os dias para chegar ao Ver-o-Peso:

Eu preciso vim de táxi, porque preciso [estar aqui muito cedo e no horário que eu

7. Francisco José de Sousa Lima, “seu” Dedé, é o responsável pelo bom funcionamento do mercado e também pela organização da Festa.

saio de casa ainda não tem ônibus. É perigoso também. Aí vai somando todo dia essa despesa de transporte pra chegar aqui, não é fácil (Dedé, vendedor de camarão, janeiro de 2010).

“Seu” Dedé precisa chegar bem cedo, pois é ele quem “tira o camarão na pedra” para vender no Mercado, com a ajuda de seus filhos. Ele também fornece camarões para restaurantes, bares e peixarias.

Mas também existem aqueles que chegam mais tarde, após as cinco da manhã, pois não tem a responsabilidade de “tirar o peixe” (ou camarão),

[...] o velho chega bem cedo, duas da manhã, eu venho um pouco mais tarde, por volta das seis horas. Ele vem cedo porque vem tirar o camarão aí na “pedra” e a gente [ele e o irmão] vende [no Mercado] (Waldez, vendedor de camarão, abril de 2009).

Após a negociação com o balanceiro, o peixe é levado para dentro do Mercado pelo carregador até o boxe do peixeiro, onde é separado e arrumado para a comercialização com seus fregueses. Enquanto espera por fregueses, ou mesmo enquanto atende seus clientes, o peixeiro costuma comprar, de vendedores ambulantes que transitam dentro do Mercado, cafezinho (café preto, café com leite) ou chá.

Durante a manhã, antes do almoço, eles costumam fazer também lanches rápidos (vitaminas de frutas, saladas de frutas, sucos, sanduíches, salgados fritos) que são levados até os boxes por pessoas que trabalham no setor de refeição do Ver-o-Peso como, por exemplo, a Graça⁸,

Eu trabalho com café da manhã e lanche (suco, misto-quente). Já tenho fregueses certos, mas não é encomenda, os fregueses certos é o pessoal dessas lojas: do Mercado e essas que ficam do outro lado da rua. Eu faço assim: vou passando com a bandeja cheia de lanches e quem quer vai ficando com ele, isso por todo o Ver-o-Peso, menos na “pedra” porque lá é muito impreciso. Aí depois eu passo de volta para receber o dinheiro. Eu chego quatro horas da manhã e fico até uma hora da tarde. Dia de sábado eu fico até três horas, porque às vezes eu faço contrato com as pessoas das lojas, elas preferem pagar no sábado, assim por semana. Os outros pagam no dia mesmo (Graça, jan. de 2010).

Alguns peixeiros costumam também comprar sopa ou caldo de mocotó, que são considerados merendas e não almoço, pois geralmente eles almoçam em casa, segundo suas declarações: “Eu almoço em casa, como mais peixe que carne, carne quem come mais é o pessoal lá de casa” (André, jan. de 2010).

É muito difícil eu almoçar no Ver-o-Peso [no setor de refeição]. De manhã cedo quando eu chego umas três horas da manhã, eu como mocotó que uma mulher vende aí. Depois eu fico só no cafezinho pra cá, cafezinho pra lá, até chegá a hora de ir embora” (Dagoberto, jan. de 2010).

Mas isto não quer dizer que eles jamais alcem no Ver-o-Peso. Algumas vezes, por diferentes motivos, eles precisam comer no local (no setor de refeições) ou em torno de sua área (em restaurantes), conforme declarações a seguir:

8. Maria Eni da Silva Santos, conhecida como Graça, moradora do município de Ananindeua, trabalha há vinte cinco anos no Ver-o-Peso; junto com ela trabalham a mãe e a irmã. Seu marido está temporariamente ajudando na entrega dos lanches, enquanto está “parado” da sua venda de plantas.

Eu almoço geralmente em casa, mas quando preciso resolver alguma coisa depois do serviço, almoço nos restaurantes que tem por aqui na área do comércio (Dedé, jan de 2010).

Quando a minha esposa não pode cozinhar, eu como aqui no Ver-o-Peso açai com peixe-frito, carne assada. Em casa eu também como isso. Tem que ter o açai porque pra mim açai é comida, não é nada de sobremesa (Daniel Junior, Jan. de 2010).

Além dessas relações acima mencionadas, para a realização diária de seu trabalho os peixeiros desenvolvem outras redes de relações. A primeira acionada pelo peixeiro é aquela que se desenvolve ainda na “Pedra”, com o balanceiro, como foi mencionado anteriormente.

Outra rede que o peixeiro possui é a de transporte para a entrega mais rápida do seu produto. Esta pode ser feita por um taxista, que trabalha na área do Ver-o-Peso, e que tem seu veículo preparado com papelão ou jornais. Geralmente, esse tipo de transporte é necessário quando o local de destino da encomenda fica distante do Mercado de Peixe ou quando a quantidade de pescado é muito grande; caso contrário, a entrega é feita de bicicleta, por diversos tipos de trabalhadores: os que trabalham na limpeza do Mercado de Peixe; os que vendem sacolas por todo o Ver-o-Peso; ou ainda os que trabalham como carregadores (de gelo, peixe).

Uma terceira rede de relações é formada pelo peixeiro e seus clientes que compram diretamente no boxe; muitos são clientes considerados fiéis, pois só compram com aquele determinado peixeiro, e ainda o indi-

cam para outras pessoas (amigos e parentes).

As redes de relações dos peixeiros se estendem ainda aos feirantes de outros setores do Ver-o-Peso, pois a reciprocidade na hora de indicar um amigo feirante de outro setor é algo comum no cotidiano daquele lugar.

A jornada diária de um peixeiro pode ser encerrada no horário em que o comércio dentro do Mercado de Peixe termina, entre treze e quatorze horas da tarde, ou pode ser finalizada antes das oito ou nove horas da manhã. Geralmente quando o trabalho acaba antes da nove da manhã é porque o peixe foi encomendado por algum dono de restaurante, e como o peixeiro chega bem cedo para trabalhar, ele consegue concluir ainda no início da manhã, a limpeza e a filetagem⁹ daquela encomenda. Desta forma aquele peixeiro consegue ter o restante da manhã livre para fazer o que melhor lhe convém, voltar mais cedo para casa, fazer alguma cobrança pendente, resolver problemas de saúde, como citado: [...] já vou embora, tenho uma consulta na dentista, para tirar os pontos de um dente que eu fiz uma cirurgia. É lá no consultório de uma dentista que é minha freguesa e vizinha também, é de lá de perto de casa (Rangel, novembro de 2008).

3 Para além da comercialização do peixe

Pierre Mayol, ao escrever sobre o bairro, destacou o lugar do mercado dentro daquele espaço. “O mercado é ao mesmo tempo um lugar de comércio e um lugar de festa” (MAYOL et al, 2008, p.158). Na cidade de Belém, em alguns mercados e feiras são realizadas festas, proporcionando aos seus trabalhadores um momento diferente do

9. Técnica pela qual o peixeiro tira a cabeça, o espinhaço e toda a pele do peixe deixando apenas a carne maciça sendo considerada o ‘filé’ do peixe. Vale ressaltar que não são todos os peixeiros que fazem esta tarefa, às vezes eles contratam outros peixeiros, chamados filetadores, para fazer este trabalho.

dia-a-dia de trabalho. Geralmente a festa é para o santo padroeiro e, no caso do bairro do Guamá, ela acontece durante a quadra junina (COSTA, 2009).

Para além da comercialização de mariscos e peixes, o Mercado de Ferro também é um espaço utilizado para eventos de caráter mais festivo, como é caso da Festa realizada em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, além de outras comemorações que acontecem ou costumavam acontecer na área do Ver-o-Peso. Como exemplo mais conhecido, a Festa de São Benedito da Praia, iniciada no ano de 1955 (MENEZES, 1993[1959]), foi uma das primeiras manifestações realizadas para um santo na área do Mercado de Peixe do Ver-o-Peso de que se tem notícia. O santo ficava em um bar chamado “Águia de Ouro”, localizado “sob a torre do Mercado de Ferro, onde se forma o ângulo fronteiro à rampa do cais do porto” (MENEZES, 1993, p. 161). Segundo Campelo (2002, p.157), antigamente “as festas para o caboclo Zé Raimundo (entidade dos terreiros de Mina Nagô)” eram realizadas naquele espaço da cidade.

Além das manifestações citadas acima, no ano de 2008, durante a segunda quinzena do mês de fevereiro e primeira do mês de março, aconteceu uma preparação para a Sexta-Feira Santa. O início era dentro do Mercado de Ferro, passando por vários outros setores (setor das ervas, da venda de polpas de frutas, do artesanato, da maniçoba moída, dos enlatados, da farinha), e ainda por duas casas comerciais situadas no Mercado de Carne, totalizando quinze estações da Via-Sacra na área do Ver-o-Peso.

Em seu texto sobre o bairro, Pierre Mayol entende que a prática cultural

[...] é a combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (menus gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo

tempo passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz na palavra fragmentos de discurso. “Prático” vem a ser aquilo que é decisivo para a *identidade* de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente (MAYOL et al, 2008, p. 39).

No Ver-o-Peso pode-se entender como parte dessa prática cultural os saberes que são repassados de geração para geração entre os que ali trabalham, assim como também a realização da Festa no Mercado de Ferro, na medida em que são levadas em consideração outras manifestações religiosas e culturais, que outrora foram realizadas naquele espaço, como por exemplo, a Festa de São Benedito da Praia (MENEZES, 1993).

A partir das práticas realizadas na área de mercados e feiras é possível conhecer a cultura de uma sociedade, pois são realizadas mais do que trocas materiais, são feitas trocas simbólicas e sentimentais.

O mercado, quando existe, exerce um papel vital e positivo na vida econômica e cultural dos moradores da cidade, pois além dos produtos comercializados ainda funciona como um centro de informações do que está acontecendo, resquícios de um passado com meios de informação, um local de ouvir e contar histórias, um local de sociabilidade (FREITAS, 2006, p.21).

A presença dessas trocas materiais e imateriais também foi percebida em trabalhos etnográficos realizados em mercados e feiras de outros Estados do Brasil.

Os mercados populares podem e devem ser considerados [...] como lugares de dinâmica e de sentidos muito mais complexos que extrapolam a função de abastecimento e a relação de renda e consumo. [...] O mercado Central é socialmente reconhecido como um espaço singular, ecumênico, informal, descontraindo e acolhedor – e neste sentido, representaria um contraponto, ou melhor, contrastaria com a idéia da cidade ‘lá fora’ –, que atrai e estimula o convívio entre todo tipo de gente (FILGUEIRAS, 2006, p. 65; 70).

Um mercado coberto não é apenas um lugar onde se realizam trocas comerciais ou onde se compram e vendem gêneros alimentícios e produtos artesanais considerados “curiosos” para o homem urbano. É local de encontro de pessoas integrantes das várias categorias e um pouco da zona rural para os que dela se afastam. Nele são representadas cenas que falam da sociedade onde estão inseridos e apresentados numerosos aspectos da cultura popular e da vida do proletariado (FERRETTI, 1985, p.29).

Os mercados seriam, portanto, espaços de sociabilidade e não apenas espaços estritamente voltados às trocas de bens economicamente úteis.

Segundo Simmel, sociabilidade é “a forma lúdica de sociação”, sendo a sociação “a forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfaçam seus interesses [...] sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos” (SIMMEL, 1983, p.166).

A sociabilidade é, então, a forma “na qual as pessoas envolvidas interagem sem qualquer propósito objetivo ou conteúdo determinado” (SIMMEL, 1983, p.168-169). É “o jogo no qual se ‘faz de conta’ que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de

conta que cada um é reverenciado em particular; e ‘fazer de conta’ não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade” (SIMMEL, 1983, p.173), jogo este que é percebido não só na organização, mas, principalmente, durante a Festa. Como será visto, mesmo sendo aqueles trabalhadores de categorias diferentes, eles se unem antes e durante a realização da Festa e ocupam assim o mesmo espaço, o do Mercado, passando por cima de conflitos, que venham a existir ou mesmo que já existam entre aquelas pessoas e que, de acordo com Simmel, é também é uma força integradora de sociação.

4 A Festa no mercado

“A festa... Foi uma promessa que ele, Pedro, fez [...], eu era garoto, quando ia pra casa do Pedro fazer as bandeirinhas lá com ele, [...] acho que começou em 1975 (Rangel, março de 2007). Segundo o senhor Manuel Vilhena, o Rangel, e o senhor Antônio Fernandes, dois peixeiros, que trabalham há mais de trinta anos no Mercado de Ferro, foi em meados da década de 1970 que um balanceiro, trabalhador do Ver-o-Peso, fez uma promessa a Senhora de Nazaré, comprometendo-se em realizar uma Festa no Ver-o-Peso, como forma de homenagear a santa.

Ela [a santa] sempre passou aí em frente, mas a gente não tinha a idéia de fazer a homenagem no Círio, aí depois teve um [trabalhador, um balanceiro], que tomou a frente, aí a gente começou a fazer a homenagem, como fazem no dia do Círio e no sábado na Trasladação (Antônio Fernandes, março de 2007).

Pedro Barreiro Rosa, o Pedro Burrica, foi quem teve a atitude de fazer a promessa à Santa e em troca homenageá-la com a realização da Festa. A promessa, de acordo com

Galvão (1955) em seu estudo sobre a vida religiosa em uma comunidade amazônica, é um contrato mútuo entre o indivíduo e o santo, no qual o primeiro compromete-se em fazer algum tipo de homenagem ao segundo, caso este último conceda aquilo que lhe foi pedido. As festas realizadas em favor do santo podem ser consideradas “promessas coletivas” e tem como objetivo o bem estar de todos os membros de uma comunidade.

Vale ressaltar aqui que a festa realizada no Mercado de Peixe, em honra de Nossa Senhora de Nazaré, não é exatamente uma “festa de santo católico”, quando são realizadas novenas, procissão, missa, mas uma festa em homenagem à passagem da procissão que culmina com a festa maior dos paraenses, o Círio. A Festa que peixeiros, balanceiros e geleiros realizam foi a forma encontrada por eles para homenagear a sua protetora, que é também a padroeira do povo paraense.

Por outro lado, em sua organização e execução, ela possui algumas das características observadas tanto por Galvão (1953, 1955), em Itá, como por Maués (1992) na região do Salgado Paraense, onde as festas de santo realizadas pelo povo geralmente têm sua origem na promessa de um devoto, que é quem organiza a festa, sem a participação direta da Igreja Católica; a partir dele cria-se uma irmandade, que vai ficar responsável pela organização da festa, e ainda existem os foliões encarregados em conseguir o dinheiro que financiará a festa do santo.

Trata-se, portanto, de uma festa onde são executadas músicas de ritmos populares bem dançantes, como o *brega* (COSTA, 2009), além de muita comida e bebida. Ela é antecedida por uma queima de fogos realizada durante a passagem da Santa pela área daquele Mercado, e possui algumas características que também estão presentes nas

mais tradicionais festas dos santos católicos, como, por exemplo, a arrecadação de dinheiro para que a festa seja realizada, e a distribuição de alimentos.

Nos primeiros anos em que a Festa foi realizada eram promovidos bingos, um livro de ouro era passado entre os geleiros, e ainda era cobrada a quantia de cem cruzeiros de cada peixeiro, para custear as despesas com a Festa. E de acordo com o senhor Rangel, quando ela era dirigida por seu próprio idealizador, “os comerciantes [principalmente, os donos das lojas externas aos Mercados, tanto o de carne quanto o de peixe] ajudavam contribuindo, pagavam pelas faixas [com mensagens em homenagem à Santa]”, e isto fazia com que mais recursos fossem acumulados para a realização da Festa.

Desde a saída do balanceiro-promesseiro, as homenagens realizadas do Ver-o-Peso são organizadas pela Comissão dos Peixeiros, a mesma que é responsável pela manutenção do Mercado de Peixe, com a ajuda de um balanceiro, Carlitão, representante dos balanceiros e dos geleiros que trabalham na “Pedra”. E as despesas passaram a ser de inteira responsabilidade dos próprios peixeiros, balanceiros e geleiros, sem a contribuição de terceiros.

O primeiro momento da Festa estaria relacionado, principalmente, com a acumulação de recursos que começa meses antes de sua realização. Ao longo de três anos de pesquisa, observando e conversando com aqueles trabalhadores, por repetidas vezes a organização da Festa foi explicada com sendo algo que acontece “durante o ano todo”.

Começa a cobrança logo após termina o Círio, a gente faz o ano todo, essa cobrança. É igual o carnaval, termina uma [Festa] começa outra. E participa [com dinheiro] todo mundo de qualquer religião, aqui não tem essa discriminação, não. Trabalhou no Mercado,

participa com um real [R\$1,00] pra Santa [...] isso é uma tradição já. Trabalhou no complexo do peixe, participa com a homenagem pra Santa (Rangel, março de 2007).

A contribuição para a realização da Festa é feita da seguinte forma: uma parte dos recursos vem do aluguel que os peixeiros cobram dos balanceiros pelo espaço reservado dentro do Mercado de Peixe para guardar as balanças, o que facilita muito na hora de transportá-las até a “Pedra” para a pesagem do pescado que chega nos barcos. A segunda parte é proveniente da arrecadação monetária feita na “Pedra” por um balanceiro, onde balanceiros e geleiros pagam diariamente quantia não estipulada. Vale ressaltar que é a maior parcela de dinheiro arrecadada e que é, praticamente, toda revertida na compra dos fogos. E a terceira parte corresponde a um terço do dinheiro que a Comissão dos Peixeiros cobra dos próprios peixeiros para a limpeza e segurança diária do Mercado.

No caso do Ver-o-Peso, o balanceiro que criou a festa seria o promesseiro; a Comissão dos Peixeiros, juntamente com aquele balanceiro responsável pela participação dos balanceiros e geleiros, seriam os chamados foliões, pois são os responsáveis pela arrecadação de recursos para as despesas da Festa: fogos, bebidas e comidas e também as camisas que eles mandam preparar e que são distribuídas entre os peixeiros, balanceiros e geleiros, uma forma de demarcação de identidade, pois as camisas carregam a especificação de cada categoria.

O segundo momento da Festa seria o dia que antecede a sua realização, no qual o Mercado é preparado (lavado), as bebidas são armazenadas para gelar e os fogos são

arrumados na balsa para que seja realizado o show pirotécnico.

No sábado, véspera da Festa, no início da tarde, após a comercialização dos pescados, o Mercado de Peixe começa a ser preparado, é fechado e lavado pela equipe da Comissão dos peixeiros, com a ajuda dos funcionários da limpeza diária, além de alguns poucos peixeiros que se disponibilizam em ajudar neste serviço. Recebe, então, uma limpeza especial – diferente da que é realizada diariamente – os boxes têm suas paredes, piso, pia e pia-balcão¹⁰, rigorosamente lavados; os corredores e as balanças – pertencentes aos balanceiros – também são lavados. A água é retirada de um hidrante localizado ao lado do mercado, e transportada nos vasilhames de plásticos que diariamente são utilizados para colocar gelo. A lavagem é feita com muito sabão e ácido para que o Mercado fique limpo, sem que seja sentido o forte cheiro do peixe. Mas apesar do esforço físico e do cansaço, pois maioria chega ao mercado para trabalhar ainda de madrugada, existe um clima de descontração enquanto o trabalho é realizado, momento em que pode-se presenciar brincadeiras do tipo, “hei! deixa de moleza, limpa logo isso, se não... não vai entrar na Festa!”

Ainda durante a lavagem do Mercado, peixeiros e balanceiros ocupam-se de armazenar bebidas em *frezers* e em caixas de isopor com bastante gelo, para serem consumidas durante a Festa.

Além disso, os peixeiros também colocam faixas na parte externa superior do mercado, geralmente, com mensagens para a santa pedindo bênçãos, tanto para os vivos quanto para seus companheiros de trabalho já falecidos, “é a forma de homenagear os que já se foram” (Fernando, outubro 2009).

10. Local onde ficam expostos os peixes durante a sua comercialização.

Enquanto o Mercado, ainda é arrumado, os fogos são preparados pelo ‘foguista’¹¹ e seus ajudantes dentro do Mercado e depois são levados para a balsa, que naquele momento encontra-se ancorada no cais do Ver-o-Peso, bem ao lado do Mercado de Peixe, para serem queimados à noite em um show pirotécnico, quando a berlinda levando a imagem da Santa passa pelo mercado durante a procissão da Trasladação¹², em direção à Catedral da Sé.

Quando anoitece, os fogos encontram-se na balsa e o movimento naquela área¹³ do Ver-o-Peso modifica-se, as pessoas esperam pela passagem da Santa e pelo espetáculo com os fogos de vista; são assim chamados por serem coloridos, o que proporciona um bonito espetáculo no céu durante a noite.

Enquanto a Santa ainda está longe, vindo pelas principais avenidas da cidade em direção à Catedral da Sé, acontece um intenso ir e vir das pessoas transitando pelo Boulevard Castilhos França; algumas seguem em direção à Sé enquanto outras param em frente ao Mercado para tirar fotos ao lado da imagem da santa que passa o ano inteiro dentro do Mercado, mas que durante aquela noite vai para uma das portas do mesmo, muito bem ornamentada por dona Cacilda¹⁴.

Após a queima de fogos e a passagem da santa as pessoas se dispersam e vão para suas casas. Muitas retornam no dia seguinte pela manhã, mas alguns dos trabalhado-

res do Mercado e da “pedra” não voltam para casa aquela noite e acabam dormindo lá mesmo, dentro do Mercado, em cima de papéis. Ficam também o foguista e seus ajudantes (pois novamente preparam os fogos, agora para a homenagem que acontece pela manhã) e o peixeiro que foi escalado naquela noite para trabalhar de vigia no Mercado.

Exceto o foguista e seus ajudantes, a permanência de alguns homens no Mercado nesta noite acontece por inúmeras razões: ou porque moram longe, ou porque aproveitam para ficar nos locais que vendem bebidas alcoólicas, que permanecem abertos durante a madrugada, e assim podem ficar se divertindo, pois no dia seguinte não há trabalho e sim mais comemoração.

O terceiro momento é o da Festa propriamente dita, porém antes que ela seja iniciada acontece mais uma queima de fogos. Esse momento ritual pode ser considerado, da perspectiva da teoria da reciprocidade maussiana, como uma espécie de *potlatch*¹⁵. Assim aqueles trabalhadores do Ver-o-Peso passam o ano inteiro fazendo economias para a compra dos fogos que são literalmente queimados em questão de minutos para homenagear a santa e, ao mesmo tempo, distinguir-se perante os demais feirantes e garantir, com esse ato, uma forma de visibilidade perante a sociedade local, pois conseguem realizar algo que é reconhecido com sendo uma das mais espetaculares for-

11. Nome dado pelos peixeiros ao responsável pela produção e arrumação dos fogos de artifício.

12. Trasladação é a procissão realizada no sábado à noite. Ela sai do Colégio Gentil Bittencourt no bairro de Nazaré em direção a Catedral da Sé no bairro da Cidade Velha.

13. Na qual está localizada o Mercado de Peixe e a “Pedra”.

14. Dona Cacilda é proprietária de uma loja comercial no Mercado Municipal (conhecido também como Mercado de Carne, localizado do outro lado do Boulevard Castilhos França e que também faz parte do Ver-o-Peso).

15. Evento que envolvia trocas rituais entre os índios do noroeste americano, que acumulavam riquezas para depois destruí-las como demonstração de poder e prestígio perante os chefes de outras linhagens (MAUSS, 1974[1926]).

mas de homenagear a Virgem de Nazaré ao longo do percurso da procissão, e que tem destaque na imprensa local, a mesma que se prepara no mínimo cinco meses antes do mês de outubro para a transmissão ao vivo da procissão do Círio (ALVES, 2002).

Após a passagem da berlinda que leva a Santa, agora de volta para sua Basílica, a expectativa dos peixeiros, balanceiros, geleiros e convidados passa a ser em relação à Festa. Durante a hora que antecede o seu início, enquanto as pessoas vão chegando, o que se ouve são as músicas com temas religiosos, permanecendo ainda um clima menos agitado dentro do Mercado. Também são realizados os últimos preparativos como, por exemplo, a distribuição de tíquetes entre os trabalhadores daquelas categorias, para que eles recebam bebidas e comidas.

Tanto os peixeiros quanto os trabalhadores da “pedra” ocupam quatro boxes, para armazenar e distribuir as suas bebidas e comidas, que naquele momento recebem a denominação de “ponto de entrega de bebida e comida”.

O ato de distribuir comida em festas de santos é algo que já acontecia no Brasil Colonial, pois

[...] a distribuição de comida tinha função tão importante na festa que mesmo as irmandades religiosas que contavam com recursos próprios para a realização dos rega-bobes sentiam-se na obrigação de fazê-lo com a maior generosidade. O banquete, comilança coletiva, tinha forte expressão social e o ato de comer juntos era remetido à aliança ou à força de integração social que se gestava durante a festa (DEL PRIORE, 1994, p.70).

Para participar da Festa é preciso ser convidado por alguém que faça parte de uma das categorias responsáveis pela organização da mesma. Este então recebe um crachá, o mesmo que dá acesso à área do Ver-o-Peso, e que é concedido pela Diretoria da Festa de Nazaré¹⁶ a todos os que trabalham naquela área, porém ele passa a ter um item a mais para o convidado para Festa: a assinatura do trabalhador. É com esse crachá que o convidado se identifica ao porteiro – geralmente, um peixeiro – responsável pelo controle da entrada e saída das pessoas no Mercado durante a Festa.

Assim, a Festa segue a “lógica da relação” e não a “lógica do mercado” (BRANDÃO, 1989), pois os convites não são comprados e sim distribuídos aos que são parentes e amigos dos trabalhadores do Mercado e da “pedra”.

Os grupinhos então se formam em torno de alguns boxes, pois não são disponibilizadas mesas e as poucas cadeiras existentes, geralmente, são ocupadas pelas pessoas idosas, restando somente os boxes para que as pessoas se acomodem. Os boxes durante a festa acabam servindo de mesa e cadeira, uma espécie de camarote, mas como geralmente as pessoas querem ficar junto dos amigos para beber e conversar, acabam ocupando apenas alguns boxes. Ficar junto não só de seus parentes, mas também de seus amigos é uma atitude normal quando se está em uma festa.

Assim, durante a Festa eles se encontram “misturados”; significa que em um box pode estar um peixeiro, um balanceiro e um geleiro, ou só balanceiros, ou só pei-

16. “A DF [Diretoria da Festa] é a instituição responsável, desde 1910, por organizar todos os eventos considerados pela Igreja católica como componentes do Círio. Essa instituição é formada por cerca de trinta diretores, em sua maior parte leigos e que, devido à sua formação católica cristã, estão mais próximos ideologicamente dos sacerdotes do que da maior parte dos leigos comuns” (PANTOJA, 2006, p. 34).

xeiros, com seus convidados. O que é levado em consideração naquele momento são as relações de amizade, que são fortalecidas enquanto eles confraternizam com quem a “consideração” é maior, com quem eles são mais próximos, reforçando e realimentando os vínculos sociais que os mantém em interação constante.

5 Considerações finais

A interação existente entre peixeiros, balanceiros e geleiros, não só na organização da Festa, mas principalmente durante a sua realização, faz com que eles produzam sociabilidade, em um sistema de reciprocidade que opera durante todo o ano, ao lado das atividades cotidianas de comercialização do pescado, com o objetivo maior de produzir a festa.

Este evento, espontaneamente oferecido e obrigatoriamente exigido de todos os que trabalham no Mercado do Peixe e cultivam a fé comum na santa dos paraenses é, ao mesmo tempo, dádiva e troca, dívida e agradecimento à vida, ao trabalho, à família, aos amigos e parentes em comum, cuja reunião anual reforça os vínculos relacionais e os laços de sociabilidade.

Considerando-se que “a sociabilidade é o jogo no qual se ‘faz de conta’ que são todos iguais” (SIMMEL, 1983, p.173), percebe-se que durante a organização e a realização da Festa, diferentes categorias de trabalhadores se unem e ocupam o mesmo espaço, o do Mercado, que nos demais dias do ano é um espaço que apenas os peixeiros podem ocupar para exercer seu trabalho. Mais ainda, dividem os boxes que servem de “camarotes” para todos os que participam da Festa, embora haja alguns poucos, dentre eles, que não concordem muito com a presença dos balanceiros no evento.

Durante a festa, todos os participantes são aceitos como iguais. Nesse momento especial, as pessoas conversam entre si, compartilhando suas experiências cotidianas. As crianças correm soltas pelo Mercado, brincam e dançam. Cada um se diverte da melhor maneira que lhe convém. Algumas pessoas passam a maior parte da Festa dançando, praticamente sem parar, enquanto as demais desfrutam da mesma bebendo e comendo. Mas mesmo aqueles que são responsáveis pela distribuição de bebidas e comidas, ou aquele que está trabalhando como porteiro, de alguma forma também aproveitam a Festa.

De acordo com Brandão (1989) em várias celebrações realizados desse tipo

[...] os mesmos comportamentos e as mesmas relações entre as pessoas são exagerados: o que se come sempre come-se agora, muito mais e em lugares cerimoniais, fora de casa; o que se bebe bebe-se muito mais e em nome de alguma coisa que mereça o gasto e a ressaca; o que se fala, canta e dança é enunciado por mais tempo e com bastante mais prazer ou fervor (BRANDÃO, 1989, p.100).

A Festa realizada pelos peixeiros, balanceiros e geleiros, proporciona a eles não só homenagear a santa e confraternizar com os seus, como também faz com que novas redes de sociabilidade (SIMMEL, 1983) sejam criadas a partir das pessoas que são convidadas por cada trabalhador participante da Festa, pois, além de sua família (esposa e filhos) muitos convidam outros parentes, compadres e amigos que acabam se relacionando com as demais pessoas durante o momento da Festa.

Como mencionado antes, a Festa que peixeiros, balanceiros e geleiros realizam não é uma típica festa de santo, tal como descritas na literatura antropológica (GAL-

VÃO, 1953, 1955; MAUÉS, 1992, 1995, 1999; PIMENTEL, 1997; LANNA, 1995), quando são realizadas novenas, missas, atos religiosos que compõem uma festa desse tipo; também não faz parte do calendário oficial do Círio. Porém, de certa forma, é um evento que, para aqueles trabalhadores, está ligado diretamente com a Festividade do Círio, a festa maior em homenagem à santa. Isso faz com que tanto os fogos quanto a Festa, assim como aquela realizada pelos estivadores (COSTA, 2006; 2009), sejam considerados eventos menores realizados pelo povo. Seguindo Del Priore (1994), elas podem ser analisadas como manifestações festivas realizadas pelo povo, acompanhando as grandes festas que Igreja e Estado faziam no período colonial.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Regina. *Círio de Nazaré: da taba marajoara à aldeia global*. 2002. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Universidade Federal do Pará/ Universidade Federal da Bahia, Belém, 2002.
- AMARAL, Rita. *Festa à brasileira: sentidos de festejar no país que não é sério*. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <www.tese.usp.br>. Acesso em: jan. 2009.
- _____. *Cidade em festa: o povo-do-santo (e outros povos) comemora São Paulo*. In: MAGNANI, J. G.; TORRES, L.L. (Orgs.). *Na metrópole*. São Paulo: FAPESP, 2000.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Cultura na rua*. Campinas: Papyrus, 1989.
- CAMPELO, Marilu. *Feira do Ver-o-Peso: Cartão postal da Amazônia ou Patrimônio da Humanidade?* *Humanitas*, Belém, v.18, n. 2, p.149-170, 2002.
- CORRÊA, Márcio Cristian dos Santos. *O Processo de comercialização do pescado na “Pêdra” do Ver-o-Peso e a importância do balanceteiro*. 2009. Monografia (Curso de Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- COSTA, Antônio Maurício Dias da. *A festa dentro da festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará*. *Revista Campos*, v. 7, n. 2, 2006
- _____. *Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará*. Belém: EDUEPA, 2009.
- CRUZ, Ernesto. *O Ver-o-Peso*. In: _____. *Proclamação dos Séculos: vultos e episódios da história do Pará*. Belém. 1952. p.107-108
- _____. *Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações*. Ilustrações de Rodolf Richl. 2. ed. Belém: CEJUP, 1992.
- DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense 1994.
- FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. *De segunda a domingo: etnografia de um mercado coberto*. São Luís: SIOGE, 1985.
- FILGUEIRAS, Beatriz Silveira Castro. *Do mercado popular ao espaço de vitalidade: o Mercado Central de Belo Horizonte*. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- FREITAS, Carlos Roberto Bastos. *O Mercado municipal de Campos dos Goytacazes: a sedução persistente de uma instituição pública*. 2006. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- GALVÃO, Eduardo. *Vida religiosa do caboclo da Amazônia*. *Boletim do Museu Nacional: Nova Série*, v. 15, p. 1-18, 1953.

- _____. Os santos. In: _____. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá-Amazonas.** São Paulo: Ed. Nacional, 1955. p. 38-87
- LANNA, Marcos P. D. **A dívida divina: troca e patronagem no nordeste brasileiro.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1995.
- LIMA, Maria Dorotéa. **Ver-o-Peso, patrimônio e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará.** 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- MAGNANI, José Guilherme. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J.G.; TORRES, L.L. (Orgs.). **Na metrópole.** São Paulo: FAPESP, 2000.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. Catolicismo popular e pajelança na região do Salgado: as crenças e representações. In: SANCHIS, Pierre (Org): **Catolicismo: Unidade religiosa e pluralismo cultural.** São Paulo: Edições Loyola, 1992. p.197-230.
- _____. A origem do culto dos santos: a promessa e o milagre. Conclusão – A tensão constitutiva do catolicismo. In: _____. **Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo popular e controle eclesialístico.** Belém: Cejup, 1995. e 475-500.
- _____. Em defesa do catolicismo tradicional e popular das populações amazônicas. In: MATA, Possidônio da; FRIGERIO, Tea; AZEVEDO, Josimar.(Orgs): **Culturas Et Evangelização: Leituras a partir do contexto amazônico.** Aparecida: Editoração Santuário, 1999. p.18-30.
- MAUSS, Marcel. (1926). Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão de trocas nas sociedades arcaicas. **Sociologia e Antropologia,** São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 2, 1974.
- MAYOL, Pierre, et al. **A invenção do cotidiano: Morar, cozinhar.** v. 2. Petrópolis: Vozes. 2008.
- MENEZES, Bruno de. (1959). São Benedito da Praia (folclore do ver-o-peso). In: _____. **Obras Completas.** Belém: Secretária de Estado da Cultura, 1993.
- PANTOJA, Vanda. **Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré.** 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.
- PIMENTEL, Sidney Valadares. **O chão é o limite: a festa do peão do boiadeiro e a domesticação do sertão.** Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- ROCQUE, Carlos. **História Geral de Belém e do Grão-Pará.** Belém: Distribel, 2001.
- SIMMEL, George. Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, G. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.
- SOUSA, Isabel Soares de. **Aviamento e reciprocidade: estudo da Vila de pescadores Apeú Salvador – Viseu.** 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Federal do Pará, 2000.
- VELHO, Gilberto; MACHADO Luiz Antônio. **Organização social do meio urbano. Anuário Antropológico,** n. 76. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1977.
- WEBER, Max. Conceito e categorias da cidade. In: VELHO, Otávio. **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

NOTA SOBRE AS AUTORAS

Licia Tatiana Azevedo do Nascimento é mestre em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, pela Universidade Federal do Pará. Estuda as populações amazônicas suas práticas sociais e culturais e suas relações com o meio ambiente.

Carmem Izabel Rodrigues é doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2006). Professora Associada. Tem experiência nas áreas de Antropologia Urbana e Etnicidade, atuando principalmente nos seguintes temas: carnaval, festas populares, etnicidade, identidade e sociabilidade. Participa da linha de pesquisa Populações Amazônicas: idéias e práticas sociais (PPGCS-UFPA).

Recebido em: 09.11.10

Aprovado em: 04.07.11